

## **Riscos associados à automedicação de anti-inflamatórios não esteroides em pacientes pediátricos: uma revisão sistemática**

### **Risks associated with self-medication of non-steroidal anti-inflammatory drugs in pediatric patients: a systematic review**

DOI:10.34117/bjdv7n10-196

Recebimento dos originais: 17/09/2021

Aceitação para publicação: 17/10/2021

#### **Lenice Renz**

Graduanda em Bacharelado em Farmácia, pela Instituição Universidade Nilton Lins.

Endereço: Av. Prof. Nilton Lins, 3259, Bairro Flores - Manaus, Amazonas, CEP: 69058-030

E-mail: [lenice.renz.22@gmail.com](mailto:lenice.renz.22@gmail.com)

#### **Andréia Ferreira da Silva**

Mestre em Biotecnologia pela Universidade do Federal do Amazonas.

Endereço: Av. Prof. Nilton Lins, 3259, Bairro Flores - Manaus, Amazonas, CEP: 69058-030

E-mail: [andrea\\_silvaf1@hotmail.com](mailto:andrea_silvaf1@hotmail.com)

#### **Uziel Ferreira Suwa**

Mestre em Saúde Pública pela fundação Oswaldo Cruz- FIOCRUZ.

Endereço: Rua Terezina, 476 - Adrianópolis, Manaus - AM, 69057-070

E-mail: [uzielsuwa@gmail.com](mailto:uzielsuwa@gmail.com)

## **RESUMO**

A automedicação pode ser considerada a utilização de fármacos com a finalidade de promover a saúde e os efeitos imediatos para atender uma situação que não exista maior complexidade voltada para o tratamento de sintomas adversos. O objetivo desse estudo foi apresentar os riscos oferecidos pela automedicação de anti-inflamatórios em pacientes pediátricos. O estudo trata-se de uma revisão sistemática da literatura, com o modelo de análise para o estudo será baseado na metodologia de Prática Baseada em Evidências (PBE) com a utilização da Preferred Reporting Items for Systematic (Prisma) para a obtenção do (checklist) e realização de meta-análise dos estudos coletados, cujo método do estudo foi realizado a partir da metodologia Prisma com critérios de inclusão e exclusão pré-definidos e a utilização das estratégias de busca. Os resultados do estudo foram apresentados conforme a aplicabilidade do método de pesquisa com a utilização dos critérios de inclusão e exclusão para a revisão sistemática, tendo como quantitativo de análise um total de 11 publicações. Concluiu-se que o presente estudo, por meio da revisão sistemática, apresentou uma miscelânea de pesquisas que desenvolveram análises clínicas sobre a automedicação de AINEs em pacientes pediátricos, demonstrando que o uso irracional na administração e consumo dessa categoria de medicamento pode afetar a saúde do paciente pediátrico, onde se torna necessário a Atenção Farmacêutica e o acompanhamento médico especializado são fundamentais para a eficácia de um determinado tratamento.

**Palavras-chave:** Automedicação; Anti-inflamatórios não esteroides; Pacientes pediátricos.

## **ABSTRACT**

Self-medication can be considered the use of drugs with the purpose of promoting health and immediate effects to meet a situation that does not exist greater complexity aimed at the treatment of adverse symptoms. The aim of this study was to present the risks offered by self-medication of anti-inflammatory drugs in pediatric patients. The study is a systematic literature review, with the analysis model for the study will be based on the Evidence Based Practice (EBP) methodology with the use of Preferred Reporting Items for Systematic (Prism) to obtain the (checklist) and carrying out a meta-analysis of the collected studies, whose study method was carried out using the Prisma methodology with pre-defined inclusion and exclusion criteria and the use of search strategies. The study results were presented according to the applicability of the research method using the inclusion and exclusion criteria for the systematic review, having as quantitative analysis a total of 11 publications. It was concluded that the present study, through a systematic review, presented a miscellany of research that developed clinical analyzes on the self-medication of NSAIDs in pediatric patients, demonstrating that the irrational use in the administration and consumption of this category of medication can affect the health of the patient. pediatric patient, where Pharmaceutical Care and specialized medical follow-up are essential for the effectiveness of a given treatment.

**Keywords:** Self-medication; Non-steroidal anti-inflammatory drugs; Pediatric patients.

## **1 INTRODUÇÃO**

A automedicação pode ser considerada como a utilização de fármacos com a finalidade de promover a saúde e os efeitos imediatos para atender uma situação que não exista maior complexidade voltada para o tratamento de sintomas adversos (DOMINGUES et al., 2017). O fator motivador de pacientes optarem pelo consumo de medicamentos sem prescrição ou em realizar a automedicação devido à dificuldade em se obter o atendimento de um especialista, em muitos casos a maioria dos pacientes depende do Sistema Único de Saúde, que no que lhe concerne possui uma demanda maior do que a oferta de vagas para atendimento (BARTIKOSKI et al., 2018).

A prática da automedicação em crianças ocorre devido à tentativa de aliviar um sintoma de dor ou febre, geralmente ligadas a cefaleia, onde os pais ou responsáveis dessas crianças recorrem a farmácias domiciliares que possuem os analgésicos capazes de reduzir a dor momentaneamente, mas que pode representar a curto ou longo prazo riscos à saúde dessa criança, sendo o fator gerador de intoxicações medicamentosas em crianças que possuem uma idade menor de cinco anos (GOULART et al., 2012).

Com isso, um dos medicamentos mais consumidos através da automedicação é denominado anti-inflamatórios não esteroides (AINES), sendo comumente usados para aliviar dores e febres, deixando de lado o diagnóstico do fator que pode ter desencadeado a dor e a febre, com a busca de solucionar por tempo limitado o sintoma (GOULART et al., 2012). Porém, esse uso tem causado efeitos que podem provocar hemorragias por lesões de úlceras pépticas, informações estas que população desconhece (GOMES et al., 2019).

A automedicação em pacientes pediátricos no Brasil tem crescido 49% nos últimos 10 anos, com prevalência para pacientes entre 0 a 5 anos. Esse cenário demonstra alguns fatores associados ao aumento dos casos: veiculação massiva de propagandas, fácil acesso à farmácia de bairros, cultura do uso de medicamentos para qualquer enfermidade, desinformação sobre a bula dos medicamentos, dentre outros (ARRAIS et al., 2016). A intoxicação decorrente de automedicação no Brasil, principalmente com AINEs, cresceu em média 31% nos últimos 15 anos, com prevalência em crianças até 10 anos e jovens adultos entre 18 e 21 anos. Esses dados apresentam um retrato do uso indevido de medicamentos e a falta de acompanhamento médico em tratamentos clínicos, além de representar um crescimento da automedicação (SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICAS, 2019).

Diante o exposto, o estudo teve como objetivo apresentar os riscos oferecidos pela automedicação de anti-inflamatórios em pacientes pediátricos, buscando descrever como ocorre o uso irracional de medicamentos em crianças e abordando os medicamentos anti-inflamatórios mais prescritos para crianças, além de pontuar os medicamentos anti-inflamatórios que mais ocasionam efeitos adversos em crianças e destacar a importância da Atenção Farmacêutica no uso racional de medicamentos e orientação adequada para o uso pediátrico.

## 2 METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma revisão sistemática, logo, o método de análise da pesquisa advém do levantamento de dados e informações em bases de dados por meio da busca de referências de estudos sobre automedicação dos anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) em crianças.

O modelo de análise para o estudo será baseado na metodologia de Prática Baseada em Evidências (PBE) com a utilização da Preferred Reporting Items for Systematic (Prisma) para a obtenção do (checklist) e realização de meta-análise dos

estudos coletados. E os questionamentos que fundamentaram essa pesquisa foi: “Como a automedicação de anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) em crianças pode afetar a saúde?” e “Como o uso adequado anti-inflamatórios não esteroide (AINEs) por meio da medicação orientado de forma correta ajuda em um tratamento?”. As fontes de dados utilizadas para o estudo são do tipo: referenciais e de fontes (Medline, Scielo Saúde, Lilacs, PubMed e a Biblioteca Virtual de Saúde – BVS). Os descritores utilizados para a recuperação nas fontes de dados serão o DEC e o MeSH (palavras-chave para recuperação na literatura científica).

O método de pesquisa escolhido para o estudo foi a pesquisa booleana. Esse tipo de pesquisa trata do uso de operadores booleanos (AND, OR, AND NOT) cujo objetivo é combinar termos e delimitar a especificidade da coleta. O cruzamento dos descritores (palavras-chave) utilizados para o estudo foram combinados de acordo com os descritores DEC e MeSH com base na combinação booleana: “anti-inflamatórios não esteroides”, “pacientes pediátricos”, “AINEs” e “automedicação”. As estratégias booleanas aplicadas foram: “anti-inflamatórios não esteroides – pacientes pediátricos – automedicação OR AINEs”; “pacientes pediátricos AND automedicação AND NOT anti-inflamatórios não esteroides”; “automedicação AND anti-inflamatórios não esteroides OR AINEs”; “pacientes pediátricos – automedicação NOT AINEs AND anti-inflamatórios não esteroides”.

Os materiais bibliográficos coletados para o estudo serão: artigos científicos, ‘papers’, revisões sistemáticas, revisões integrativas e ensaios clínicos. A pesquisa terá como base de temporalidade os estudos publicados nos últimos 10 anos (2010 – 2020). Os idiomas dos materiais serão delimitados para o português e/ou inglês.

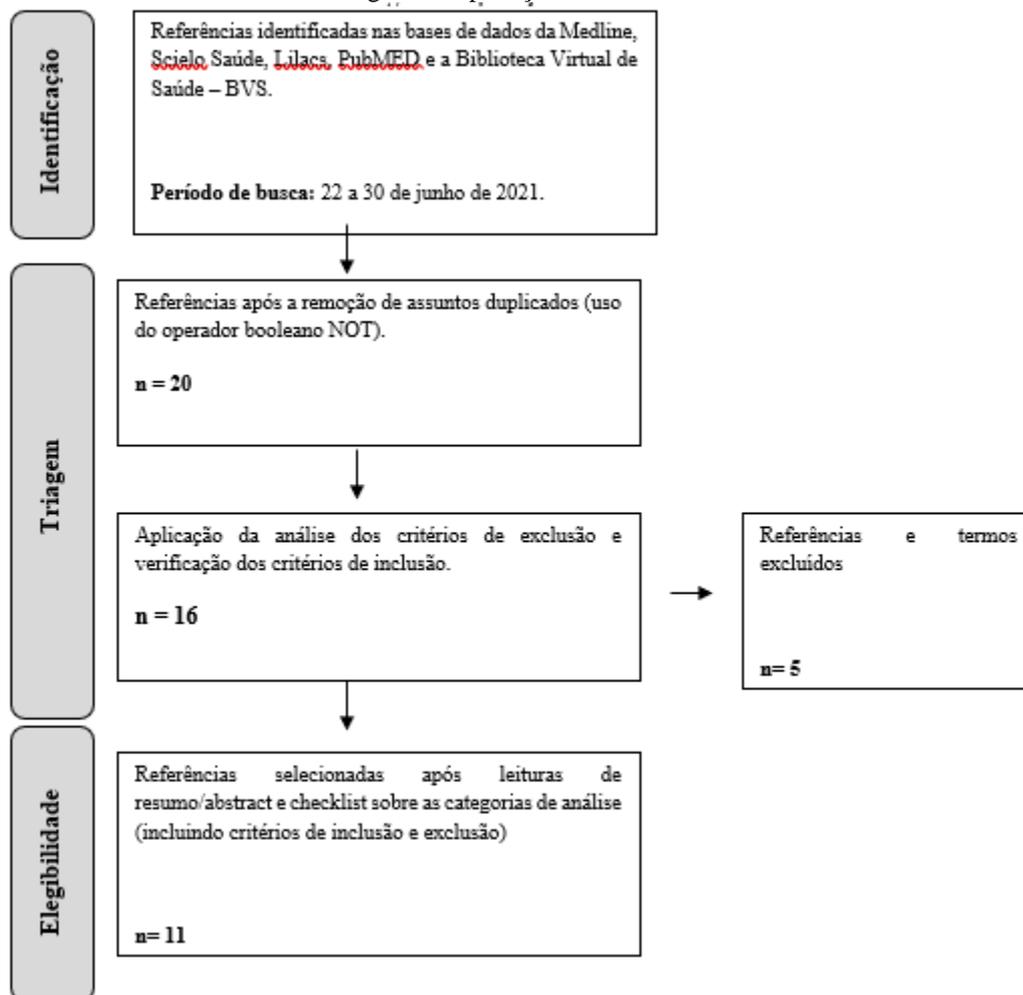
Os critérios de inclusão para o estudo foram: estudos que associem os AINEs para o uso irracional em crianças, as categorias de AINEs usados por crianças, as principais categorias de medicamentos que geram efeitos adversos em pacientes pediátricos e estudos clínicos realizados em crianças. Já os critérios de exclusão foram: estudos em andamento, estudos com adolescentes e jovens e/ou adultos e artigos incompletos.

Para a realização da análise do estudo será estabelecida a criação de três categorias de coleta dos estudos: 1. AINEs mais prescritos para crianças; 2. AINEs que mais ocasionam problemas de saúde em crianças; 3. Efeitos adversos mais recorrentes em crianças pela automedicação de AINEs em pacientes pediátricos.

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

Os resultados do estudo foram apresentados de acordo com a aplicabilidade do método de pesquisa. O método do estudo foi realizado a partir da metodologia Prisma com critérios de inclusão e exclusão pré-definidos e a utilização das estratégias de busca (booleanas e não booleanas). Esse tipo de método tem por objetivo fazer a definição das estratégias de pesquisa com os critérios de inclusão e exclusão definidos para o estudo (Figura 1):

Figura 1: Aplicação do método Prisma



Os artigos coletados para a revisão sistemática foram organizados e apresentados para análise conforme se observa na **Tabela 1**. A partir do levantamento foi realizada a discussão dos resultados com base nos critérios de inclusão do estudo e a partir das observações em cada aspecto de análise: tipo de estudo, bases de dados, tipologia da pesquisa, intervenção e o foco de análise.

Tabela 1 – Síntese de conhecimento dos estudos analisados (resultados)

Estudo	Base de dados	Tipologia da pesquisa	Intervenção	Foco de análise
Teles Filho e Pereira Junior (2013)	Scielo	Ensaio clínico	Análise descritiva	A autoadministração dos fármacos Dipirona, Paracetamol e xaropes expectorantes em crianças.
Felix et al. (2017)	MEDLINE	Estudo de caso	Análise clínica	As manifestações clínicas variam desde urticária/angioedema/anafilaxia, que ocorrem em poucos minutos a horas após a administração do AINE, até reações tardias, que podem surgir vários dias após o início do tratamento.
Silva et al. (2018)	MEDLINE	Estudo de caso	Análise clínica	Conhecer como se dá a prática da automedicação em crianças por seus pais. Método: estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvido com 17 familiares cuidadores de crianças internadas em um hospital do Sul do Brasil.
Belo, Maio e Gomes (2017)	LILACS	Revisão sistemática	-	Este estudo pretendeu avaliar a prevalência de automedicação em idade pediátrica, identificar os fármacos mais utilizados e os principais fatores motivacionais, além de observar os efeitos dos AINEs nesses casos.
Cunha et al. (2019)	PubMed	Ensaio Clínico	Análise clínica	Avaliar a tolerância ao paracetamol em crianças com história sugestiva de hipersensibilidade não seletiva aos AINEs.
Prolungatti et al. (2014)	Scielo	Ensaio Clínico	Análise clínica	O objetivo deste estudo foi identificar a prevalência da administração de fármacos na criança, por seus responsáveis, previamente ao atendimento médico.
Ferreira et. (2013)	PubMed	Estudo de caso	Análise descritiva Análise clínica	Trata-se de estudo observacional, transversal, realizado a partir de análise de prescrições pediátricas e de informações fornecidas pelos cuidadores. A coleta de dados ocorreu em nove farmácias privadas e em nove locais do setor público de Sorocaba, sendo estes: seis Unidades Básicas de Saúde (UBS), duas Unidades Pré-Hospitalares (UPH) e uma Clínica de Especialidades Médicas (Policlínica)
Pereira, Gagosttini e Pizzol (2013)	BVS	Estudo de caso	Análise clínica Análise descritiva	Análise da existência de evidências e da efetividade no uso de antipiréticos e analgésicos em pacientes pediátricos monitorados a partir de protocolo de acompanhamento.
Goulart et al. (2012)	PubMed	Ensaio clínico	Análise clínica	Medir a prevalência e identificar fatores associados à automedicação em crianças menores de cinco anos nos municípios de Caracol no Estado do Piauí, e Garrafão do Norte no Pará.
Lima, Nunes e Barros (2010)	Scielo	Ensaio clínico	Análise descritiva	Verificar a forma de armazenamento/uso de medicamentos em uma comunidade atendida pelo Programa/Estratégia Saúde da Família no município de

					Cristino Castro (PI), bem como o grau de conhecimento a respeito dos medicamentos mantidos sob sua guarda.
Urbano (2010)	et al.	PubMed	Ensaio clínico	Análise clínica	Avaliar o índice de automedicação infantil nas cidades de Santos e São Vicente. Para tanto foram avaliadas em duas drogarias de cada respectivo município crianças de 0 a 15 anos de idade (n=168).

Os estudos apresentados na tabela acima foram coletados com base no uso dos parâmetros estabelecidos na pesquisa, definidos por meio dos critérios de inclusão, exclusão e traçado a partir da aplicabilidade do método Prisma e a partir do uso da PBE. Por conseguinte, os estudos serão analisados conforme as observações coletadas no foco de análise e com base nos objetivos dessa pesquisa.

Segundo os estudos de Tales Filho e Pereira Junior (2013) a automedicação realizada por pais e/ou responsáveis da criança pode afetar diretamente o processo de tratamento e, em alguns casos, intensificar o processo de desenvolvimento de comorbidades relacionadas ao consumo inadequado de fármacos. As análises apontaram que a autoadministração de fármacos pode afetar os sintomas e gravar o quadro clínico do paciente, como comprova o estudo com base na análise do uso inadequado de Dipirona e Paracetamol em crianças internadas em uma Unidade Básica de Saúde.

De tal forma, Felix et al. (2017) apresentaram um estudo sobre os efeitos das AINEs em crianças. Os resultados comprovaram que a eficácia do tratamento com a administração dos anti-inflamatórios pode variar, a depender do modo de administração dos fármacos. O estudo apresentou uma classificação dos tipos de AINEs e detalhou as relações causais da administração dos medicamentos e as reações mais comuns em pacientes pediátricos com base no método de uso do medicamento. Essa relação envolve, conforme apontado em outros estudos, alguns elementos-chave: mecanismos imunológicos, reações de hipersensibilidade (RH) e reações alérgicas (RA).

No estudo de Belo, Maia e Gomes (2017) é apresentada uma revisão sistemática sobre a automedicação pediátrica. A pesquisa faz um detalhamento sobre o acometimento gradual de comorbidades e sequelas ocasionados pelo uso indevido de fármacos em crianças e quais são os principais AINEs administrados para pacientes pediátricos. Essa análise apresenta, de acordo com os objetivos desse estudo, uma relação dos anti-inflamatórios mais utilizados por pacientes pediátricos em um estudo realizado em todas as capitais do país, por meio de coleta de dados da OMS/Brasil.

Tal qual, Prolungatti et al. (2014) aborda, por um estudo clínico, o uso inadequado de anti-inflamatórios em pacientes pediátricos dentro de um pronto-socorro municipal. O estudo analisa o uso indevido na administração de fármacos como foco de pesquisa, tendo como base o estudo descritivo de pacientes que apresentaram o predomínio de sintomas a partir da administração incorreta das AINEs. A pesquisa realizada por Urbano et al (2010) também realiza uma análise clínica sobre automedicação infantil a partir da administração de fármacos adquiridas em drogarias de uma cidade. Essa análise traça como o uso indiscriminado de anti-inflamatórios pode afetar diretamente a saúde pública.

Cunha et al. (2019) fizeram uma análise similar a de Prolungatti et al. (2014) ao observar o uso inadequado de fármacos e relacionar a administração irresponsável à tolerância de pacientes pediátricos quanto aos efeitos adversos. Esse estudo analisou a HE e apresentou que as crianças que usam AINEs de forma inadequada, no universo de 51% dos pacientes, 43% apresentaram uma taxa de risco alta para o agravamento das reações adversas ao usar paracetamol de forma indiscriminada, ou seja, sem acompanhamento médico. No estudo de Silva et al. (2018) é analisada a prática da automedicação em pacientes pediátricos no ponto de vista da enfermagem, visto que a administração irregular feita por pais e/ou responsáveis, de acordo com o estudo, afeta o trato respiratório, o funcionamento intestinal e aumenta em até 54% as reações alérgicas.

No estudo de Ferreira et al. (2013) analisam o uso de antipiréticos e anti-inflamatórios em prescrições médicas, observando que o uso inadequado com a má administração do fármaco pode afetar a saúde do paciente pediátrico. Nesse estudo foi observado que os AINEs podem influenciar em fatores de agravamento da doença, caso o seu uso seja irracional, tanto no setor público (SUS) quanto no setor privado de saúde (N-SUS), como aponta os resultados. Com base na percepção dos medicamentos e os efeitos adversos em crianças, o estudo de Pereira, Dagostini e Pizzol (2013) analisou o tratamento de pacientes pediátricos na faixa etária de cinco (5) anos e como o uso inadequado de AINEs pode agravar o quadro clínico. Importante observar que a administração do fármaco, como apontou Ferreira et al. (2013) tem relação direta com os efeitos adversos, sendo as reações alérgicas e o aumento da HE mais perceptíveis.

A Atenção Farmacêutica é um aspecto de suma importância para dirimir ações de eficácia na administração dos medicamentos, em especial os AINEs para pacientes pediátricos. Nesse sentido, o estudo de Lima, Nunes e Barros (2010) apresentou a Atenção Farmacêutica como um aspecto de acompanhamento no tratamento de pacientes pediátricos no ponto de vista da administração e uso correto de fármacos, tendo em vista

que o acompanhamento farmacológico é crucial no tratamento dessa categoria de paciente. Também nesse aspecto de análise, Goulart et al. (2012) observaram que a prevalência e a identificação de casos de uso indevido e automedicação eram recorrentes em um município, onde os fatores determinantes estavam diretamente relacionados a inadequação na administração dos AINEs, repercutindo no surgimento de efeitos adversos e no comprometimento dos processos de tratamento. A associação da automedicação de AINEs com o agravamento dos problemas de saúde em pacientes pediátricos, conforme observou Silva et al. (2018), pode ser descrito sob alguns aspectos, tais como: agravamento dos efeitos adversos, surgimento de sintomas, dificuldade de determinar o progresso e a variabilidade dos efeitos relacionados ao fármaco.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observou-se que a automedicação é uma prática que pode influenciar diretamente no agravamento dos sintomas da comorbidade e ocasionar feitos adversos no paciente pediátrico. Dentre os principais estudos, pode ser apontado que o uso irracional de medicamentos anti-inflamatórios afeta a saúde do paciente sendo responsáveis pelo agravamento da condição clínica e o surgimento de feitos que agem na complicação do tratamento, tal como a RH e a RA.

Por fim, concluiu-se que o presente estudo, por meio da revisão sistemática, apresentou uma miscelânea de pesquisas que desenvolveram análises clínicas sobre a automedicação de AINEs em pacientes pediátricos, demonstrando que o uso irracional na administração e consumo desse medicamento pode afetar a saúde do paciente pediátrico, onde é necessário que a Atenção Farmacêutica e o acompanhamento médico especializado são fundamentais para a eficácia de um determinado tratamento.

## REFERÊNCIAS

ARDOIN, S. P.; SUNDY, J. S. Update on anti-inflammatory drugs. *Curr Opin Rheumatol*, v. 18, 2006, p. 221-226.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Rev Saúde Pública*, v.2, n.50, 2016.

BELO, Nídia; MAIO, Patrícia; GOMES, Susana. Automedicação em idade pediátrica, *Nascer e Crescer*, v.34, n.4, 2017, p. 234-239.

BARTIKOSKI, B. J. et al. Automedicação: riscos e consequências. Riscos e consequências. 2018. UFRJ. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/farmacologica/wp-content/uploads/2018/06/antibiotics-750x393.jpg>. Acesso em: 28 ago. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. Cuidado Farmacêutico na Atenção: caderno 1. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

BRUNTON, L. et al. *Goodman and Gilman's: Manual of Pharmacology and Therapeutics*. McGraw-Hill Medical, 2008.

CIPOLLE, R. J.; STRAND, L. M.; MORLEY, P. C. *Pharmaceutical Care Practice: the patient centered approach to medication management*. 3 ed. New York: McGraw-Hill, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Programa de suporte ao cuidado farmacêutico na atenção à saúde. Brasília, DF: Profar, 2016.

CUNHA, Fernanda Sales da et al. Tolerância ao paracetamol em crianças com hipersensibilidade não seletiva aos anti-inflamatórios não esteroidais, *Arq Asma Alerg Immunol.*, v. 3, n.2, 2019, p. 163-167

DALE, M. M. *Farmacologia Condensada*. 2. ed. Elsevier, 2010.

DOMINGUES, P. H. F. et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 319-330, 2017.

FÉLIX, Mara Morelo Rocha et al. Hipersensibilidade a anti-inflamatórios não esteroidais em crianças: relato de dois casos e revisão das novas classificações, *Arq Asma Alerg Immunol.*, v.1, n.4, 2017, p. 410-416.

FERREIRA, T.E.; FILHO, S.B.; BORGATTO, A.F.; LOPES, L.C. Analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios não esteróides em prescrições pediátricas. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 2013.

FERREIRA, T.R; LOPES, L.C. Analysis of analgesic, antipyretic, and nonsteroidal anti-inflammatory drug use in pediatric prescriptions. *Revista JPediatr*, Rio de Janeiro, 2016.

FERREIRA, Tânia Regina et al. Analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios não esteroides em prescrições pediátricas, *Ciênc. saúde coletiva*, v.18, n.12, Rio de Janeiro, 2013.

FIGUEIREDO, Washington Luís Melo; ALVES, Túlio César Azevedo. Uso dos anti-inflamatórios não esteroides no controle da dor aguda: revisão sistemática, *Rev Neurocienc*, v.22, n. 1, 2014, p. 75-79.

FONTELES, Marta M. de França et al. Reações adversas causadas por fármacos que atuam no sistema nervoso: análise de registros de um centro de farmacovigilância do Brasil, *Rev Psiq Clín.*, v.36, n.4, p.137-44, 2009.

GOODMAN, A. *As Bases Farmacológicas da Terapêutica*. 11. ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2006.

GOMES, T.C.F.. et al. Prevalência de automedicação envolvendo anti-inflamatórios em pacientes de pronto atendimento com diagnóstico prévio de hemorragia digestiva. *Revista Braz J.Hea. Curitiba*, v.2, n.4, jul/aug, 2019.

GOULART, I.C. et al. Automedicação em menores de cinco anos em municípios do Pará e Piauí: prevalência e fatores associados. *Revista Brasileira de Saúde Materna Infantil*. 2012.

HANG, H. P. et al. *Pharmacology*. 6. ed. Churchill Livingstone, 2007

KATSUNG, B. *Farmacologia Básica e Clínica*. 10. ed. Rio de Janeiro: McGraw-hill interamericana, 2010

LIMA, G.B.; NUNES, L.C.C.; BARROS, J.A.C. Uso de medicamentos armazenados em domicílio em uma população atendida pelo programa saúde da família. *Ciência Saúde Coletiva*. Jan, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Nota Técnica N° 102/2012. 2014. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/images/pdf/2016/janeiro/07/naproxeno--atualizada-em-23-11-2015-.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

OLIVEIRA, D. RAMALHO DE. *Atenção Farmacêutica: da filosofia ao gerenciamento da terapia medicamentosa*. São Paulo: RCN, 2011, 327 p.

PEREIRA, Gracian Li; DAGOSTINI, Josiane Magda Camarotto; PEREIRA, Gracian Li. Alternating antipyretics in the treatment of fever in children: a systematic review of randomized clinical trials, *J Pediatr (Rio J)*. v. 88, n.4, 2012, p. 289-96

PROLUNGATTI, Camila Nogueira et al. O uso de fármacos analgésicos e anti-inflamatórios prévio ao atendimento em pronto socorro infantil, *Rev. Dor*, v.15, n.2, São Paulo, Apr./June 2014.

REZENDE, J. M. *Linguagem médica*. 3.ed. Goiânia: AB, 2004.

SILVA, L. I. M. M. et al. O cuidado farmacêutico em pediatria. *Rev. Saúde Criança e Adolesc.*, v.3, n.1, p. 66-69, jan./jun. 2011.

SILVA, Jéssica Gama da et al. A prática da automedicação em crianças por seus pais: atuação da enfermagem, *Rev enferm UFPE on line.*, Recife, v. 12, n.6, 2018, p. 1570-1577.

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICAS. Dados de intoxicação no Brasil. 2019. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>. Acesso em: 23 srt. 2020.

SYLVESTER, J. Anti-inflamatórios não-esteroidais, Atow 405, 2019. [Tutorial online]. Disponível em: <https://www.sbahq.org/resources/pdf/atotw/405.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

TELES FILHO, P. C.P.; PEREIRA JUNIOR, A.C. Automedicação em crianças de zero a cinco anos: Fármacos Administrados, conhecimento, motivos e justificativas. *Esc. Anna Nery*. Abr-jun, 2013.

URBANO, Ayra Zaine Rodrigues et al. automedicação infantil: o uso indiscriminado de medicamentos nas cidades de Santos e São Vicente, *Revista Ceciliana*, v.2, n.2, 2010, p.6-8.

QUEIROZ, Thallita Pereira et al. Dipirona versus paracetamol no controle da dor pós-operatória, *Rev Odontol UNESP*, Mar-Apr, 2013, p. 78-82